

BENI CARVALHO

Benedito Augusto Carvalho dos Santos nasceu em Aracati, Ceará, em 3 de janeiro de 1886 e faleceu no dia 22 de janeiro de 1959, aos 73 anos de idade, no Rio de Janeiro. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, foi professor catedrático da Faculdade de Direito do Ceará e professor do Colégio Militar de Fortaleza, transferido posteriormente para o Rio de Janeiro, tendo chegado ao generalato. Como político, assumiu os seguintes cargos: vice-presidente do estado, deputado federal, interventor federal no Ceará e membro do Conselho Nacional de Educação.

Foi filólogo, prosador e autor de excelentes composições poéticas. Antônio Sales referia que o convívio das musas havia conferido ao poeta “o dom da forma, o entusiasmo lírico e o segredo das belas imagens”. Publicou as seguintes obras: *Causas dirimentes e flagrante delito*, 1917; *Morfologia e sintaxe do substantivo português*, 1920; *Le Droit et la Sociologie*, 1920; *Na Casa de Tiradentes*, 1931; *De florete e luvas*, 1935; *Sexualidade anômala no Direito Criminal*, 1937; *Chama extinta* (poesias), 1937; *Ação parlamentar*, 1950; e *Crime contra a religião, os costumes e a família*.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 8 de setembro de 1922 (primeira reorganização), ocupando a cadeira 30, cujo patrono era Alberto Nepomuceno. Na segunda reorganização, ocorrida em 1930, passou para cadeira 39 que tinha como patrono Ulisses Pennafort. Foi representante da ACL na Federação das Academias de Letras do Brasil.

O FLAMBOYANT

*Forte, esgalhado, heril, o flamboyant de flores
Rubras, na antiga fronde, ostentava a vitória
Da púrpura triunfal, sob o pátio de glória
Do sol, no alto do Azul, todo em flama e fulgores.*

*Lutou. Venceu, heróico! A conquista na história
Vegetal, alcançou no meio de esplendores:
Ora, altivo, pompeando, à luz, as rubras cores,
Ora, verde, a cantar a Esperança ilusória!*

*Hoje, porém, descansa o flamboyant por terra,
Sangrenta a floração, circundando-o, morrendo
À agonia mortal, que o seu martírio encerra.*

*- Egrégio lutador que, na refrega, exangue,
Fulminado, semelha, a cair, combatendo,
Um cadáver de herói, salpintado de sangue!*

DESCENDO O JAGUARIBE...

MANHÃ

I

*Canta no galho agreste o passaredo... Canta!...
Em flor, o cajueiral farfalha... o vento açoita ...
E vai, de fronde em fronde, e vai de moita em moita,
Áurea, a luz da manhã, que a sombra abate e espanta.*

*Alto, côncavo, azul, escampo, o céu! Levanta
O vôo, uma ave, além, que o bamburral acoita.
Não mais a verde mata, a treva espessa enoita,
E tudo brilha, e esplende, e exulta, e harpeja, e encanta!*

*Claro, ao sol refulgindo, o Jaguaribe, lento,
Coleia, estuante, a arfar, os mangues alagando...
Na praia, o coqueiral, move e fustiga o vento.*

*Ao longe, passa, a voar, de marrecas um bando...
O rio, ansiando mais, lança-se ao mar violento,
E o hino triunfal da Luz, ei-lo que vai cantando!...*

ELOGIO DO SILÊNCIO

*Vive longe e esquecido; não te iluda
A idéia vã, o público louvor:
Ama o silêncio, a paz, a expressão muda
Do Sonho, que te fala no interior.*

*Foge, da vida, à hipocrisia ruda;
Do mundo, à voz – reclamo enganador -;
Uma alma só, procura; uma alma estuda,
Com quem possas fundir a tua dor.*

*Passa!... Teu nome há-de apagar-se ao vento...
Goza, feliz, toda a volúpia, todo
O sereno prazer do Esquecimento...*

*Cale-se, sobre ti, a humana história:
- Não terás, do amanhã, o vil apodo
- Nem o sorriso pérfido da glória!*